

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de Economia e Relações Internacionais

Bacharelado em Relações Internacionais

LETÍCIA SANTANA MENDES

***Star Trek* e a dinâmica da política internacional em uma dimensão lúdica: a
colonialidade da Federação por uma perspectiva decolonial**

UBERLÂNDIA

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de Economia e Relações Internacionais

Bacharelado em Relações Internacionais

LETÍCIA SANTANA MENDES

***Star Trek* e a dinâmica da política internacional em uma dimensão lúdica: a
colonialidade da Federação por uma perspectiva decolonial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Profa. Lara Martim Rodrigues Selis.

UBERLÂNDIA

2022

LETÍCIA SANTANA MENDES

***STAR TREK* E A DINÂMICA DA POLÍTICA INTERNACIONAL EM UMA
DIMENSÃO LÚDICA: A COLONIALIDADE DA FEDERAÇÃO POR UMA
PERSPECTIVA DECOLONIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Uberlândia, 2 de agosto de 2022

BANCA EXAMINADORA

Augusto Veloso Leão

Universidade Federal de Uberlândia

Edson José Neves Júnior

Universidade Federal de Uberlândia

Lara Martim Rodrigues Selis

Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo demonstrar a importância dos estudos estéticos para o campo de Relações Internacionais, utilizando-se da franquia *Star Trek* para entender como o fenômeno do primeiro encontro entre os povos durante o processo colonizador na América Latina pode ser relacionado com eventos representados pela ética da Primeira Diretiva da Federação Unida dos Planetas ao se deparar com novas civilizações. A partir do entendimento de que as passagens fictícias escolhidas representam e reforçam práticas ocidentais de dominação do Outro, é possível fazer o paralelo entre as práticas sociais visualizadas no encontro colonial com pressupostos teóricos de autores modernos/decoloniais, como Mignolo, Quijano, Césaire e Dussel. A partir do estudo dos autores supracitados e da importância que a virada estética apresenta para as Relações Internacionais em termos de mobilizar novas áreas de análise para entender a dinâmica internacional, o estudo fará uma relação de conexão entre as mídias populares e as críticas ou discursos entremeados na dinâmica lúdica, mostrando que as conexões entre o mundo real e o fictício são extremamente fortes e podem ser usados como objetos de estudo para entender a lógica do pensamento político de determinada cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade, Virada Estética, Cultura Pop, Star Trek, Decolonialidade, Colonização, Civilização

ABSTRACT

The present study aims to demonstrate the importance of aesthetic studies for the field of International Relations, using the *Star Trek* franchise to understand how the phenomenon of the first meeting between peoples during the colonization process in Latin America can be related to events represented by the ethics of the First Directive of the United Federation of Planets when facing new civilizations. From the understanding that the fictional passages chosen represent and reinforce western practices of domination of the Other, it is possible to make a parallel between the social practices visualized in the colonial encounter with theoretical assumptions of modern/decolonial authors, such as Mignolo, Quijano, Césaire and Dussel. From the study of the aforementioned authors and the importance that the aesthetic turn presents for International Relations in terms of mobilizing new areas of analysis to understand the international dynamics, the study will make a connection between popular media and criticism or intermingled discourses. in the playful dynamics, showing that the connections between the real and fictional world are extremely strong and can be used as objects of study to understand the logic of political thinking in a given culture.

KEY WORDS: Modernity, Aesthetic Turn, Pop Culture, Star Trek, Decoloniality, Colonization, Civilization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Kirk discursando sobre a Constituição americana para os Yangs.....	30
Figura 2- Membros da Enterprise e Rozhenko discutem sobre a Primeira Diretiva.....	31
Figura 3- A tripulação da Discovery faz primeiro contato com a civilização de Pahvo.....	33
Figura 4- Os tripulantes da Discovery se encontram com a população de Novo Éden.....	35
Figura 5- Representação do Anjo Vermelho de forma religiosa.....	36
Figura 6- O primeiro encontro entre Saru, Michael e Siranna, pastora kelpiana e irmã de Saru.....	37
Figura 7- Os kelpianos começam a passar pelo Vahar'ai, iniciado pela intervenção da Discovery.....	38
Figura 8- A sociedade dos kelpianos após o Vahar'ai.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 - CULTURA POP E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	11
1.1. A Virada Estética	11
1.2. Cultura Pop Como Instrumento das RI.....	13
1.3. Star Trek e as RI: Breves Apontamentos Iniciais.....	16
CAPÍTULO 2 - OS DIÁLOGOS PÓS-MODERNOS E A DECOLONIALIDADE	20
2.1. Dussel e a Ética do Encontro.....	21
2.2. Césaire e a Noção de Civilidade e Colonização.....	23
2.3. Quijano e Mignolo: A Matriz Colonial de Poder e a Modernidade	25
CAPÍTULO 3 - A COLONIALIDADE DA FEDERAÇÃO SOB A ÓTICA DECOLONIAL.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

O estudo das Relações Internacionais atrelados a eventos da cultura pop de grande influência na contemporaneidade tem sido utilizado para aproximar a população no geral para as problemáticas e dinâmicas vivenciadas pelos atores do cenário internacional. O livro organizado por Weldes em 2003, chamado “*To seek out new worlds: Science fiction and world politics*” contém diversas análises com objetos de cultura pop famosos, como *Star Trek* e *Buffy, a Caça Vampiros*. Obras como *Harry Potter* e *Star Wars* marcaram toda uma geração de jovens adultos, e entender como certas realidades políticas dos criadores de cada um desses universos podem impactar no imaginário popular dos telespectadores acerca dos mais diversos temas políticos e sociais é um elemento de central importância para o desenvolvimento dos estudos de Relações Internacionais.

A partir do entendimento da realidade dos criadores de conteúdo de cultura pop, é possível entender como elementos fundamentais das teorias de Relações Internacionais podem ser representadas dentro deste espaço, sendo usados como instrumentos de exemplificação para melhor compreensão e disseminação dessas ideias. Além disso, nesses espaços de cultura pop também podem ser reproduzidas dinâmicas de poder e política que abrangem o mundo real, sendo retratados de forma implícita ou explícita nestas obras.

Esses entendimentos acerca dos elementos constituintes das obras de cultura pop, que vão além dos elementos físicos e abrangem elementos subjetivos, são discutidos no campo das Relações Internacionais partindo de uma abordagem estética. Essa abordagem argumenta que há um espaço a ser ocupado entre a realidade de um objeto e como ele é representado, e neste espaço, é onde a política é feita. Isso quer dizer que a forma como um objeto ou realidades são representados em mecanismos estéticos é política, pois é embebida de significados próprios do autor, além de representar, de forma implícita ou explícita, o contexto de sua produção. Isto demonstra a importância de entender as nuances presentes nos instrumentos de cultura pop, pois a subjetividade e interpretação destes objetos pode variar de acordo com o contexto do leitor também, já que cada intérprete das obras tem seus próprios valores e seu próprio contexto. Para isso, a abordagem estética entende que deve-se levar em conta a forma como nos relacionamos com a obra, pois demonstra como certo segmento da sociedade se porta diante de tais nuances.

Tendo em mente a importância dos instrumentos de cultura pop para a reprodução de certos paradigmas sociais, políticos e econômicos, este trabalho busca analisar o fenômeno do

primeiro encontro entre o velho e novo mundo, durante o processo colonizatório das Américas, à luz das representações propostas pela franquia *Star Trek*. Entende-se que os episódios escolhidos para análise neste trabalho representam, em alguma medida, experiências de encontro entre diferentes, e por esse motivo nos ajudam a entender, na mesma medida que reforçam, certos padrões do comportamento moderno/ocidental no trato da diferença, iluminando elementos relativos a conceitos propostos por Mignolo, Quijano e Césaire.

A partir do estudo dos autores supracitados e da importância que a virada estética apresenta para as Relações Internacionais em termos de mobilizar novas áreas de análise para entender a dinâmica internacional, o estudo fará uma relação de conexão entre as mídias populares e as críticas ou discursos entremeados na dinâmica lúdica, mostrando que as conexões entre o mundo real e o fictício são extremamente fortes e podem ser usados como objetos de estudo para entender a lógica do pensamento político de determinada cultura.

Partindo deste ponto, é possível definir o problema da pesquisa em termos do entendimento de como os instrumentos de cultura pop podem ser utilizados para criar um paralelo com situações reais e, com isso, auxiliar no entendimento das perspectivas teóricas de Relações Internacionais. Tendo isso em mente, questiona-se: como as ações promovidas pela Primeira Diretiva da Federação Unida dos Planetas dialogam com as trajetórias de chegada dos colonizadores e o estabelecimento das colônias na América Latina a partir do primeiro encontro com o Outro? Além disso, como esse diálogo auxilia na aplicação e interpretação das propostas teóricas decoloniais/pós-coloniais?

A escolha da obra cãnone de *Star Trek* para exemplificar e ilustrar uma relação estética com as jornadas latinoamericanas foi feita a partir da análise de vários episódios da franquia, que tem como base as aventuras de diversas naves pertencentes à Federação Unida dos Planetas, uma estrutura democrática que abrange diversos planetas das mais variadas galáxias. Estas naves têm grandes jornadas à sua frente, levando-os aos cantos mais distantes do universo em busca do controle do equilíbrio entre os diversos governos, além de buscar novas civilizações. São nessas jornadas em busca de novos povos e no encontro que promovem com essas populações que a análise deste trabalho vai se centrar, já que ilustra de forma lúdica como o encontro entre diferentes é orquestrado de uma maneira ocidental. Mesmo que nestes encontros não haja de fato uma relação de exploração explícita com a civilização nova, há uma relação de superioridade e tentativa de homogeneização de culturas, que é um retrato do que houve durante o período de colonização da América Latina.

Considerando a proximidade entre a realidade e as obras cinematográficas e artísticas, que reproduzem características da cultura em que estão inseridas, é possível traçar um paralelo entre as cenas midiáticas e situações reais, permitindo uma análise através das lentes teóricas que têm a intenção de determinar padrões de comportamento culturais, políticos e sociais, tanto na esfera nacional quanto na internacional. Por padrões de comportamento, quero dizer aspectos subjetivos que permeiam a sociedade, como o contexto político e social em que o autor está inserido, além da realidade ideológica na qual se identifica. Outros elementos identificados como padrões de comportamento e que são importantes para o entendimento deste trabalho são a forma como o trato com o Outro é feito e incentivado, as visões estereotipadas de outras culturas, os elementos de representação de culturas orientalizadas, além dos recortes históricos utilizados para justificar certas narrativas e eventos que, em outros contextos, seriam consideradas no mínimo problemáticas.

Nas obras *mainstream*, tais como *Star Trek*, *Star Wars*, *Harry Potter*, é perceptível o efeito destes padrões de comportamento, incentivados na sociedade em determinada época, na elaboração dos filmes, séries, livros e demais instrumentos de fomento da cultura pop. É importante entender como essas obras podem contribuir para a facilitação de identificação entre as propostas teóricas da teoria decolonial, tal qual a base teórica de Aníbal Quijano e sua colonialidade do poder, as noções de civilização, colonialidade e universalismo europeu versados na obra de Aimé Césaire, e as similaridades entre real e fictício, observadas nos momentos de encontro inicial entre as civilizações, o modo de tratamento das figuras originárias da região e a justificativa para dominação, tanto na obra *Star Trek* quanto nos movimentos de colonização da América Latina.

Tendo isso em mente, o presente trabalho busca estabelecer relações entre as propostas de Quijano e Césaire relacionados aos temas da colonialidade e suas consequências com os acontecimentos reproduzidos pela famosa franquia *Star Trek*, em especial àquelas referentes ao encontro entre civilizações, promovidos na figura das viagens interestelares da Federação Unida dos Planetas, que contêm elementos similares àqueles ocorridos nos processos colonizatórios da América Latina, tais como o primeiro contato, o modo de tratamento para com as populações originárias, as justificativas para o domínio do local, a noção de civilização e avanço técnico de cada comunidade e dentre outros fatores. Para tanto, será verificado como certas passagens da franquia *Star Trek* reproduzem e, em certa medida, reforçam práticas de dominação que foram vivenciadas na América Latina durante o período

colonial, especialmente quando é verificada a lógica que regeu os encontros entre civilizações.

Para conseguir atingir o objetivo descrito, o trabalho se dividirá em quatro seções principais. O primeiro capítulo estudará a importância dos estudos de cultura pop para a formulação de vários campos de conhecimento dentro das Relações Internacionais, além de estabelecer a relação entre o lúdico e o real, e como as dinâmicas vivenciadas em *Star Trek* irão servir de análise para a problemática proposta por este trabalho, estudando alguns trabalhos já estabelecidos dentro do campo, incluindo estudos sobre a franquia *Star Trek*. Outro importante desenvolvimento dentro deste capítulo é a elucidação dos pressupostos da virada estética, representados neste trabalho pela teoria de Bleiker, que serve como justificativa teórica para a formulação do estudo.

O segundo capítulo tratará das teorias utilizadas no estudo, fazendo uma revisão bibliográfica acerca dos pressupostos teóricos de Césaire, Mignolo, Quijano e Dussel, mostrando como essas teorias contribuem para a análise das dinâmicas de encontro escolhidas para estudo neste trabalho. O terceiro capítulo contará com a análise dos episódios da franquia de *Star Trek*, selecionados de acordo com as propostas analíticas deste trabalho, demonstrando a relação intrínseca entre o audiovisual e dinâmicas históricas significativas para a determinação cultural de diversos povos. Ao final do estudo, serão apresentadas as conclusões finais acerca do discutido no trabalho, definindo, então, se há realmente uma relação entre *Star Trek* e as dinâmicas coloniais propostas no estudo.

CAPÍTULO 1 - CULTURA POP E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

1.1. A VIRADA ESTÉTICA

A maior parte da produção acadêmica do campo das Relações Internacionais tem como foco o entendimento do Sistema Internacional e a análise das ações dos atores estatais, já que consideram eles os principais focos de estudo do campo. As teorias mais recentes têm tentado mudar o foco do Estado para o indivíduo, entendendo a necessidade de analisar as ações individuais dentro do foco estatal, já que são os indivíduos que se encarregam das atividades do Estado, e são eles que conduzem a atividade política de fato.

O entendimento político das ações dos atores, quaisquer que sejam eles, é o cerne do estudo das Relações Internacionais. A busca para entender de onde vem essa política, sua capacidade de mudança e como ela se constrói no ambiente internacional é a maior preocupação do acadêmico de RI. Pensando nisso, a virada estética, que é a base da justificativa deste trabalho, entende que a política emana da ambiguidade existente entre o que é de fato o objeto e como ele é representado. Bleiker (2009), principal teórico dessa vertente estética das RI, argumenta que tudo é representação, não existe, de fato, um objeto em sua verdadeira forma, e acreditamos piamente em sua representação, já tornada real através da força política que envolve a sua criação. Propondo uma mudança no modo como se pensa a realização de política e seus efeitos, teorizando a formalização das políticas, para ele, a política reside na discrepância entre o que o objeto é de fato e sua representação. Segundo o autor:

A virada estética reorienta nosso entendimento do político: ela engendra um distanciamento significativo de um modelo de pensamento que iguala conhecimento com o reconhecimento mimético de aparências externas e caminha na direção de uma abordagem que dá origem a um encontro mais diverso, mas também mais direto, com o político. (Bleiker, p.19-20, tradução própria)

Portanto, para o autor, estudar as representações é essencial para entender as formulações políticas do ambiente internacional. A abordagem estética entende que há uma margem para interpretação e distorções nas representações dos objetos, o que vai contra as teorias tradicionais de Relações Internacionais, que acreditam nas representações como meras cópias da realidade.

A virada estética representa uma ruptura com os aportes teóricos tradicionais de RI, já que se propõe a observar através de uma abordagem estética, que acredita que há uma discrepância entre a representação e a natureza do objeto de fato. Isso se deve por conta da subjetividade e da interpretação, que estão sujeitas a serem diferentes de acordo com a realidade de cada indivíduo que a encontra. Portanto, ao contrário do viés tradicional mimético, que acredita que a representação é uma mera cópia da realidade, a abordagem estética acredita na importância de se estudar a subjetividade por trás da construção da representação, e embebe de importância o estudo estético na prática e na teoria do campo de Relações Internacionais.

Para Bleiker, “Representação é sempre um ato de poder. Este poder é máximo se a forma de representação é capaz de mascarar sua subjetividade e valores de origem.” (Bleiker, 2001, p. 515). Com isso, pode-se inferir que o autor acredita na capacidade da arte de disseminar valores e ideais políticos, e que é necessário entender essa capacidade e as intenções do artista, pois nelas residem os atos políticos da arte. Para isso, é importante fazer uma análise do período da construção da obra, das nuances políticas e sociais do momento, das capacidades do artista e dentre outros fatores que são essenciais para o entendimento da obra como objeto de política. (BLEIKER, 2001)

Ainda em Bleiker, o autor argumenta:

Ao contrário da sabedoria prevalente nas ciências sociais, as abordagens estéticas entendem que a nossa compreensão dos fatos não podem ser separadas da nossa relação com eles, que o pensamento sempre expressa um desejo de verdade, um desejo de controle e imposição de ordem sob eventos que são geralmente comuns e idiossincráticos. (BLEIKER, p. 522, tradução própria)

Portanto, o autor entende que as representações não são objetos neutros, como pregam as abordagens miméticas, mas sim objetos repletos de significância, de poder. A partir da análise da arte como forma de conhecimento político, é possível entender a sociedade e seus desdobramentos políticos. Isso é essencial para a construção do campo teórico das Relações Internacionais, já que o estudo da política a nível interno e externo é a base da construção de relacionamentos entre os atores de RI. Então, é imprescindível que seja estudado a sociedade como um todo, e isso inclui as formas estéticas, como abordado por Bleiker na passagem:

O valor político da estética precisa ser reivindicado; não porque pode oferecer uma forma autêntica ou superior de conhecimento, mas porque o triunfo moderno da razão tecnológica eclipsou a expressão criativa de nossa esfera política. Os dilemas que atualmente assombram a política mundial, do terrorismo ao aumento das desigualdades, são graves demais para não empregar o registro completo da inteligência humana para entender e lidar com eles. (BLEIKER, p. 529, tradução própria)

As abordagens estéticas de Bleiker visam ampliar a forma como entendemos os objetos do cotidiano, compreendendo que o conhecimento ultrapassa a barreira do racional, dialogando com outras capacidades humanas de adquirir sabedoria, sendo elas as formas linguísticas, visuais e sensoriais. Ao assimilar esse fato, o autor abre o leque das fontes materiais de conhecimento, não se restringindo a documentos e tratados, que também são importantíssimos para o entendimento da dinâmica internacional, mas expandindo essa base ao agregar as formas audiovisuais e representações culturais como objetos políticos elegíveis para análise e estudo da teoria das Relações Internacionais. Um exemplo dessa análise sendo aplicada de forma efetiva na análise do campo é o presente trabalho, que utiliza-se de um instrumento de cultura pop para entendimento da dinâmica do ambiente internacional (BLEIKER, 2001).

1.2. CULTURA POP COMO INSTRUMENTO DAS RI

Com os estudos da virada estética, exemplificados neste trabalho pelas proposições de Bleiker, e a disseminação da cultura pop em nível internacional, é possível estabelecer um vínculo entre as representações midiáticas e os relacionamentos de poder que ocorrem entre os indivíduos, que refletem o ideário individual e coletivo, refletindo valores e suposições de um determinado grupo social. Portanto, é de grande relevância entender a aplicação das teorias de Relações Internacionais para as relações estabelecidas dentro de obras fictícias, servindo como um instrumento pedagógico e reflexivo sobre o imaginário popular acerca dos temas de maior relevância para a política internacional.

Para entender a importância da cultura pop nos entendimentos de RI, é necessário fazer uma breve contextualização acerca do significado de cultura pop para o campo teórico. John Storey (2009) realiza em seu trabalho uma revisão bibliográfica sobre as definições de

cultura pop encontradas na academia, e chega a conclusão que existem seis possíveis significados para a expressão, e argumenta que essas definições são sempre fundadas a partir de uma consideração do Outro, ou seja, cultura pop não é por si mesma uma forma de cultura, não existe uma definição para o que seja cultura pop sem que seja tomada em oposição à uma outra forma de cultura. Para este trabalho, irei utilizar a definição de cultura pop como manifestações artísticas e intelectuais de linguagem acessível, de ampla distribuição para população e que são bem recebidas pela maior parte dos espectadores (STOREY, 2009).

Dialogando com o disposto por Storey, Engert e Spencer (2009) argumentam a favor da utilização dos objetos de cultura pop no ensino das RI, expondo que esses objetos (em sua obra focam na análise de filmes, mas acredito que a argumentação possa se expandir para a cultura pop de modo geral) são retratos da realidade na qual o seu autor está inserido, e por isso mesmo eles nunca são neutros. É a partir dessa ausência de neutralidade que é possível compreender que política e cultura não podem ser entendidos de forma separada, porque estão intrinsecamente relacionados. Portanto, ao analisar um filme que retrata um evento histórico, não estamos apenas analisando uma forma cultural, mas sim um objeto político, embebido de vieses e tramas importantes para a formulação das RI (ENGERT; SPENCER, 2009).

Retornado ao trabalho de Storey, além de apresentar o conceito de cultura pop de forma teórica, o autor apresenta diversas análises do papel da cultura no controle do conhecimento da população, o que denota um poder político forte das produções culturais, dialogando com Bleiker (2009) ao estabelecer uma relação entre as reproduções culturais e o controle populacional, já que usam dos meios de representação para fazer política de fato. Segundo Storey:

A cultura popular da maioria sempre foi uma preocupação de minorias poderosas. Aqueles com poder político sempre acharam necessário policiar a cultura daqueles sem poder político, lendo-a “sintomaticamente” para sinais de agitação política; remodelando-o continuamente por meio de patrocínio e intervenção direta. (STOREY, 2009, p.17, tradução própria)

Outro ponto importante tratado por Storey é a conceitualização do poder dos discursos. Usando Foucault para justificar seus estudos, o autor introduz uma discussão acerca desta relação entre poder e conhecimento. Segundo ele, partindo da visão foucaultiana do poder da fala, o discurso pode ser utilizado como instrumento de dominação, já que “discursos funcionam de três maneiras: eles permitem, eles constroem, e eles constituem” (STOREY, 2009, p.128; tradução própria). Assim, é possível entender que a construção e

disseminação de um certo discurso tem pode embebido nele, já que são constituídos das intenções daqueles que comandam o poder dos discursos, estabelecendo regras e práticas de acordo com suas demandas. Portanto, a produção cultural também sofre influência do poder dos discursos, já que reproduz aquilo que seus criados acreditam que seja verdade, produzindo assim um conhecimento enviesado ao estabelecer um tipo de comportamento que é considerado normal. (STOREY, 2009)

O estudo de cultura pop como instrumento de análise das Relações Internacionais já vem sendo utilizado ao longo dos anos, mas teve seu retorno com maior visibilidade ao final das tensões da Guerra Fria, em que a preocupação com a produção cultural surge como uma insegurança ao se tratar das tensões entre os povos. Isso é verificado por Weldes (2003), ao analisar o ressurgimento da análise de instrumentos culturais no campo das RI. Para a autora, a cultura pop é um objeto essencial para entender as formas como o discurso do Estado permeia a sociedade e influenciam na tomada de decisão; para ela, a cultura pop é um instrumento de reprodução e oficialização de diretrizes de política exterior de um determinado país (WELDES,2003). Segundo a autora,

A cultura popular ajuda, assim, a construir a realidade da política internacional para políticos e não-políticos e, na medida em que reproduz o conteúdo e a estrutura do discurso dominante da política externa, ajuda a produzir consentimento para a política externa e a ação do Estado. A cultura popular está assim implicada na 'produção do consentimento'. (WELDES, p.119, tradução própria)

Outra obra importante para entender a relação entre cultura pop e RI é o livro organizado por Weldes em 2003, chamado "*To seek out new worlds: Science fiction and world politics*". Nele podem ser encontradas diversas análises com objetos de cultura pop famosos, como *Star Trek* e *Buffy, a Caça Vampiros*. No capítulo inicial da obra, a autora trabalha a importância da cultura pop como instrumento de produção de consenso nas ações de política internacional e introduz a importância do uso de obras de ficção científica para análise das RI. Para ela,

[Ficção científica] oferece um foco excepcionalmente útil para análise porque se preocupa de forma bastante autoconsciente com questões políticas; trata diretamente dos problemas como a mudança tecnológica e social, confrontando as verdades contemporâneas com possíveis alternativas. (WELDES, p.10, tradução própria)

Portanto, a autora entende que estudar o discurso das obras de ficção científica é uma forma de entender as perspectivas presentes e futuras das RI. Para dar um exemplo de como isso pode ser feito, Weldes utiliza-se de uma passagem de *Star Trek*, obra que será foco deste trabalho, para demonstrar essa relação. Segundo ela,

Mas, na prática dos EUA/Federação, essa nova diplomacia, apesar de seu foco benigno nos “direitos do homem”/Primeira Diretriz, acaba não deixando espaço para o diálogo entre as diferenças. Enquanto os encontros de *Star Trek* com vários outros liminares destacam muitas das complexidades da diplomacia, eles acabam reproduzindo uma visão de encontro que é necessariamente unilinear em vez de dialógica e, portanto, implica a assimilação do outro a essa racionalidade universal. (WELDES, p.16, tradução própria)

Através desse fragmento do texto de Weldes é possível entender como a cultura pop reflete certas dinâmicas de política internacional em suas representações, intencionalmente ou não.

1.3. STAR TREK E AS RI: BREVES APONTAMENTOS INICIAIS

A relação entre os discursos e a formação de um conhecimento amplamente reproduzido na sociedade será feita através da análise das obras do fenômeno *Star Trek*. O primeiro lançamento da série, em seus moldes originais, ocorreu em setembro de 1966, mas seu roteiro já estava em produção desde o início da década de 1960, sob o comando de Gene Roddenberry. A série original mostra aventuras da nave USS Enterprise, comandada pelo Capitão Kirk e pelo Primeiro Oficial Comandante Spock. A série original não teve grande alcance durante seus anos de lançamento, e após seu cancelamento em 1969, só voltou a ter grande destaque por conta das reprises que a seguiram.

A Federação Unida dos Planetas, principal forma de organização política da franquia, remonta a ONU, fazendo alusão às tentativas progressistas dos diretores de inserirem discussões políticas contemporâneas, como debates de gênero e raça. O cânone de *Star Trek* é gigantesco, e conta com diversas séries e filmes elaborados ao longo das últimas décadas, tornando-se um referencial no que diz respeito à ficção científica. Os episódios escolhidos para serem analisados neste trabalho abrangem todo esse período de lançamentos, começando

a partir da série original *Star Trek: The Original Series*, indo até a mais recente das sagas, *Star Trek: Discovery*.

O estudo da relação entre os eventos de *Star Trek* e as relações internacionais já vem sendo realizado de forma pontual por alguns estudiosos de cultura pop e sua interconexão com a política internacional. Um exemplo de autor que trata bem das problemáticas que a série apresenta é Neumann (2003), que demonstra como o modelo de diplomacia que os EUA utilizam é transportado para as ações diplomáticas televisionadas na série. Ao longo de sua exposição, o autor demonstra como o universalismo racional dos EUA podem ser descritos através das ações da Federação, em um modelo similar de se apresentarem como modelo para galáxia (aproximando-se do excepcionalismo estadunidense), e na tentativa de englobar todos os povos nesse modelo, tornando os planetas conhecidos parte de uma cultura geral e homogênea (NEUMANN, 2003).

Para estabelecer como o modelo de diplomacia dos EUA acaba gerando uma espécie de assimilação cultural, o autor argumenta o seguinte:

Se existe uma racionalidade universal, e se os Estados Unidos fazem questão de viver de acordo com isso sendo uma república com significado universal, então os Estados Unidos são um modelo para o mundo. De fato, é um microcosmo. Mas se for esse o caso, então não há base para a diplomacia entendida como um diálogo entre linhas divisórias culturais. A história é retratada como um movimento pelo qual o microcosmo – os Estados Unidos – fica em contato com entidades sempre novas. Esse contato deve seguir uma racionalidade que necessariamente altera as demais entidades em questão, mas que deixa os Estados Unidos intactos. (NEUMANN, 2003, p.36, tradução própria)

Portanto, a crença de ser um modelo universal a ser seguido não leva em conta a dinâmica própria da civilização que encontram, pois para eles não haverá diferença, já que essas especificidades serão ignoradas em prol de uma universalidade benéfica. Esta dinâmica narrada a partir da história das relações internacionais dos EUA pode ser claramente observada na dinâmica de *Star Trek* e sua proposta de abordagem diplomática, como argumenta Neumann, já que a interação entre as culturas exige, por parte da Federação, uma homogeneização das línguas e culturas, para que possam ter algum nível de relação diplomática entre eles (NEUMANN, 2003).

Isso ecoa as dinâmicas presenciadas pelos povos originários da América Latina com os europeus, já que não havia respeito pelas particularidades de cada cultura, havia apenas o interesse naquilo que podia ser extraído daquela relação, e, para isso, deveriam transformar esses povos em uma população adepta aos seus fundamentos, para que a relação pudesse deslanchar. Na obra de Tzvetan Todorov, chamada “A Conquista da América: A questão do Outro”, o autor se propõe a analisar a forma como a conquista dos territórios americanos foi feita, a partir de uma perspectiva histórica, utilizando-se de relatos dos participantes da colonização e de cronistas do tempo para verificar como havia acontecido o encontro entre as civilizações. Todorov conclui que o encontro teve um tom homogeneizador, assim como o que é representado pelo objeto deste trabalho, em que as diferenças são vistas como algo a ser superado para que possa haver uma relação harmoniosa. Apesar de em *Star Trek* essa superação das diferenças aparentar ser pacífica, existe uma violência epistêmica em subjugar o outro em prol de um bem maior, que é argumentado na série (TODOROV, 1983).

Os episódios selecionados para este trabalho narram eventos de encontro entre civilizações. Os tripulantes das naves da Federação Unida dos Planetas devem seguir um conjunto de normas pré-determinadas no cumprimento de suas funções. Quando diz respeito ao encontro com civilizações que não possuem o mesmo nível de tecnologia que a Federação, os oficiais são obrigados a seguir a Primeira Diretiva, que estabelece a forma como o contato com essa população deve ser feita, de modo que não influenciem no desenvolvimento natural desses locais.

É partindo deste ponto que este trabalho buscará compreender como essas dinâmicas diplomáticas dialogam com os movimentos de encontro das civilizações no período das Grandes Navegações, iniciando de fato o processo colonizatório que a América Latina vivenciou. Dessa forma, será possível compreender como a dinâmica colonial ainda pode ser vista nas representações de cultura pop, relacionando com conceitos essenciais da teoria decolonial, que definem como foi feita a submissão dos povos à dominação europeia.

Como proposto neste trabalho, *Star Trek* é um exemplo claro dessa dinâmica, em que as individualidades das civilizações emergentes são imediatamente excluídas em prol de uma universalização dos relacionamentos, para que possa haver um entendimento e uma relação amistosa entre as culturas. A proposta de assimilação das especificidades de uma cultura não é novidade nas dinâmicas de política internacional, e sua representação nos instrumentos midiáticos é apenas uma continuação das justificativas para a continuidade desta dinâmica.

Portanto, a proposta teórica deste trabalho é justamente analisar como as mídias podem influenciar e manter processos de dominação já existentes.

CAPÍTULO 2 - OS DIÁLOGOS PÓS-MODERNOS E A DECOLONIALIDADE

A relação com a diferença foi um dos pontos mais questionados quando se pensa nos estudos sobre os movimentos colonizatórios. Todorov marca, em seu livro, que o processo de conquista na América foi marcado pelo domínio da população local baseado em uma ideia pré concebida sobre o que era a América, antes mesmo dela ser conhecida pelos colonizadores de fato. Em seu texto, utilizando-se de escritos da época da colonização, ele narra a forma como foi feito o processo de dominação dos povos originários da América. Ao falar da relação com o outro, Todorov afirma:

Para dar conta das diferenças entre eles no real, é preciso distinguir entre pelo menos três eixos, nos quais pode ser situada a problemática da alteridade. Primeiramente, um julgamento de valor (um plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho auto-estima...). Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): a dos valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistêmico); aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores (TODOROV, 1983, p.269)

Portanto, para o autor, o encontro com o outro era pautado por essas três características, que levavam a uma análise de quem o outro é em relação a si próprio. Ao se colocar como o exemplo a ser seguido, automaticamente o colonizador coloca o indígena no papel de subalterno, e é sua missão educar, evangelizar e transformar este “ser inferior”, ou seja, suprimir sua cultura e seu Eu em prol da relação harmônica entre iguais que surgirá a partir do seu aprimoramento (TODOROV, 1983).

Essa dominação em prol de uma relação harmônica entre iguais é feita seguindo três pontos, segundo o autor: dominação, inclusão e extermínio. Com isso, Todorov expõe que a problemática da diferença entre culturas foi resolvida a partir destas três vias, ou seja, pela hierarquização dos povos (o indígena sendo o inferior, que deve aprender com o superior, que é o europeu), o extermínio da população ou a inclusão, que entende-se que seja a assimilação

cultural indígena, resultando na homogeneização da cultura do colonizado, tendo como base a estrutura da cultura do colonizador (TODOROV, 1983).

Com isso em mente, é possível traçar uma linha de diálogo entre os autores que serão discutidos neste capítulo. Apesar da diferença de abordagens e dos métodos de análise que cada um segue, Dussel, Mignolo, Quijano e Césaire dialogam com os pontos de dominação propostos por Todorov. Estes pontos serão reformulados, em alguma medida, de acordo com a linha de abordagem de cada autor, mas pressupõe o mesmo ponto de partida teórica: os movimentos colonizatórios tem um padrão no trato com a diferença, e esses mesmos padrões ainda prosperam nos dias atuais, atuando de uma perspectiva eurocêntrica na relação com o outro.

2.1. DUSSEL E A ÉTICA DO ENCONTRO

Dussel (1994) trabalha com a tese do mito da modernidade europeia. Para ele, os europeus só conseguiram se estabelecer como civilização moderna por conta da novidade que eram à população local. Além disso, por possuírem as condições ideais de dominação territorial, puderam estabelecer sua história como central, deixando o continente asiático como Velho Mundo, no qual a história teve início, mas que não conseguiriam fazer as modificações que a Europa trazia, e o Novo Mundo, as Américas, no qual poderiam dar continuidade à sua história a partir do seu ponto de vista (DUSSEL, 1994).

O autor trabalha com uma perspectiva histórica para entender como a Europa conseguiu se constituir como centro do mundo. Primeiro, relata as características que fizeram com que a Espanha e Portugal, de todos os países europeus, fossem os pioneiros na construção do mito da modernidade. Para ele, a Espanha já havia tido uma experiência excepcional com os conflitos da Reconquista, lutando para expulsar os mouros e reclamar seu antigo território. É a partir deste momento que há uma experiência de “demonizar” o Outro, embora em escala reduzida. Além disso, tanto Espanha quanto Portugal possuíam as condições econômicas e políticas para se lançarem em expedições de larga escala para encontrar novas terras (embora os territórios da América Latina já fossem de conhecimento de estudiosos e outros navegadores) (DUSSEL, 1994).

Partindo do ponto em que esses dois países detinham as condições necessárias para a exploração de novos territórios é que pode-se entender como ambos foram responsáveis pela primeira experiência de dominação em larga escala daquilo que o autor chamada de “o

Outro”, ou seja, foram os primeiros a se estabelecer como centro da narrativa, e, portanto, dominadores, enquanto construíam o imaginário do Outro como dominado. São os primeiros passos do nascimento do mito da modernidade europeia. Além disso, ao se estabelecerem como centro, automaticamente colocam a América Latina em seu local de periferia, sendo assim a primeira localidade periférica da história quando pensa-se nessa relação centro/periferia (DUSSEL, 1994).

Seguindo na obra de Dussel, o autor também explicita como a Europa consegue manter esse mito da modernidade ao longo do tempo. Ele denomina o eurocentrismo como chave para esse entendimento, ao pontuar que a centralidade europeia é construída através de uma falácia desenvolvimentista. Essa falácia se deve ao fato de que, para os pensadores europeus da época, que tentavam justificar a dominação europeia sob territórios coloniais, a Europa era o centro do desenvolvimento. Isso queria dizer que eles detinham tudo que era mais moderno, e era missão europeia levar essa modernidade para o Novo Mundo. Este Novo Mundo, que compreende as colônias européias, era um território jovem e cru, e por isso era missão dos europeus levar as ideias para esses locais, para que pudessem se desenvolver e chegar ao patamar do desenvolvimento europeu (DUSSEL, 1994).

O autor ainda expõe que os europeus se deparam com dificuldades nessa narrativa, já que a Ásia se colocava como um grande poder antes da ascensão europeia. Era um continente brilhante, bem desenvolvido e forte. Para justificar que a Europa é o modelo a ser seguido, os pensadores e filósofos denominam a Ásia como Velho Mundo, aquele que tem sim um estágio de desenvolvimento alavancado e que auxiliou várias ideias europeias a serem redigidas, já que é o berço do desenvolvimento, mas tem seu crescimento estagnado, em um estágio desenvolvimentista mediano, sem conseguir levar à frente seus projetos. Portanto, a Europa era o modelo de modernidade, pois conseguiu desenvolver as ideias de forma que o Velho Mundo não conseguiu. Nesse momento, é possível perceber como o mito da modernidade vai alavancando, sempre com a Europa em seu centro (DUSSEL, 1994).

Em seguida, Dussel faz uma análise sobre a forma como a conquista foi realizada na região latinoamericana, assim como a colonização foi consolidada de fato. Para ele, a conquista tem haver com o controle de corpos, dialogando com a matriz colonial de poder de Quijano. No trecho a seguir, pode ser identificado a forma como o conceito de conquista vai se transformando para Dussel em vista à construção da modernidade europeia:

Por conquista entendemos agora uma relação não mais estética ou quase-científica da pessoa-natureza, como no ‘descobrimento’ de novos mundos. Agora a figura é prática, relação de pessoa-pessoa, militar; não de reconhecimento e inspeção - com levantamento de mapas e descrição de climas, topografia, flora ou fauna - de novos territórios, mas da dominação das pessoas, dos povos, dos ‘índios’.(DUSSEL, 1994, p. 42)

Assim se estabelece a forma de controle de corpos, da submissão do Outro frente ao dominador, em busca de exercer de fato sua pensada “superioridade” em relação aos povos nativos da América Latina. Para o europeu, cabe o fardo da missão civilizatória, a dominação em busca do aprimoramento do indígena, do negro, dos povos originários. Se estabelece, então, a figura do Outro, definido em termos de “o outro, em sua distinção, é negado como Outro e é sujeitado, subsumido, alienado a se incorporar à totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido...” (DUSSEL, 1994, p.44). Pode-se observar que para conseguir atingir essa definição de Outro, o europeu deve utilizar-se da violência para submissão dos povos à sua vontade. A violência se estende não somente a física, mas também a psicológica e emocional, com a extinção da cultura, da linguagem e dos costumes. O europeu, como superior, impõe sua individualidade ao Outro, pois este último é primitivo e inferior, e é a missão da modernidade esclarecer a todos os povos.

Para tentar atenuar essa violência do relacionamento entre centro/periferia, a dinâmica de chegada, conquista e dominação dos povos latinoamericanos é denominada de encontro, pois “o conceito de ‘encontro’ é encobridor, porque se estabelece ocultando a dominação do ‘eu’ europeu, de seu ‘mundo’ sobre o ‘mundo do outro’, do índio” (DUSSEL, 1994, p.64). A utilização de encontro para caracterizar a dinâmica colonial não é aleatória ou inocente; ao colocar a situação como encontro, a intenção do centro é estabelecer a relações entre os europeus e indígenas como voluntária e bem recebida, retirando da imagem da relação o aspecto violento e dominador, coercitivo, do choque genocida que o mito da modernidade promoveu.

2.2. CÉSAIRE E A NOÇÃO DE CIVILIDADE E COLONIZAÇÃO

Um dos principais autores críticos do movimento pós-moderno, que surge com intuito de fazer uma revisão daquilo que era considerado certo e correto de acordo com a ótica ocidental, Aimé Césaire publica uma obra contundente em 1955, em um momento de

acirramento de tensões no mundo pós Segunda Guerra Mundial, vivenciando movimentos discriminatórios nas regiões Orientalizadas, como o *apartheid* na África do Sul. Seu texto impactante, chamado *Discurso sobre o colonialismo*, é uma das principais bases teóricas da crítica à modernidade/colonialidade, expondo as raízes do pensamento colonial europeu. Segundo Stadler e Krachenski (2019), a obra pode ser caracterizada da seguinte maneira:

Muito mais do que uma crítica ao colonialismo europeu nas Américas, na África e na Ásia - crítica que já era feita há décadas pelos vários movimentos de resistência ao imperialismo nestes locais -, esta obra deve ser entendida como um manifesto político-ideológico que pretende expor a falaciosa construção do saber europeu como um saber universal. Tal manifesto dirige-se, dessa forma, não somente àqueles que sofrem na pele o cotidiano brutal do colonialismo europeu, mas, sobretudo, aos próprios sujeitos colonizadores que creem cegamente no mundo em que construíram. (STADLER, KRACHENSKI, 2019, p. 3-4)

Pensando no conceito de civilização, Césaire aponta os principais aportes do que era considerado uma civilização de fato do ponto de vista europeu. Quando se viram em contato com o Outro, os europeus se depararam com uma sociedade totalmente diferente daquela de onde vieram: as sociedades indígenas eram baseadas na subsistência, sem a lógica do capitalismo e do lucro, sem a ambição europeia de conquista, mas também sem um sistema político fomentando pelos ideais ocidentais, uma sociedade organizada de modo fraternal e sem contato com o cristianismo. Assim, é a partir deste encontro que os europeus definiram o que era civilizado e o que era bárbaro: a sociedade encontrada no Novo Mundo era bárbara, pois não era cristã nem ocidentalizada em suas formações sociais e políticas. Os europeus representavam a civilização, o ideal moderno de um sistema político bem definido a partir da lógica do capital, o cristianismo como guia moral e o capitalismo como impulsionador do avanço tecnológico.

Esse conceito de civilização foi formulado para servir como justificativa moral para o ato de colonizar os povos orientais. Césaire define a colonização, intrinsecamente, como um ato de pilhagem, e as demais ações que precedem o processo de pilhagem servem apenas como uma máscara para a verdadeira face do ato colonial. É a partir deste entendimento que é possível entender a dinâmica colonial e o silenciamento das sociedades originárias das regiões da Ásia, África e América. (CÉSAIRE, 1978)

Outro ponto importante na obra de Césaire é a argumentação acerca do embrutecimento do colonizador a partir da experiência colonial. Estando em contato com uma realidade de intensa desumanização do outro, em busca de facilitar a aplicação das formas de opressão, o colonizador acaba se desumanizando ele próprio, pois desperta em si os instintos mais animalizados e brutos, e esse é o preço da colonização para o colonizador. Césaire coloca da seguinte maneira as consequências diversas da colonização: “... que ninguém coloniza inocentemente, nem ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização - portanto, a força - é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida...” (CÉSAIRE, 1978, p.21).

2.3. QUIJANO E MIGNOLO: A MATRIZ COLONIAL DE PODER E A MODERNIDADE

Avançando nas teorias críticas da pós-modernidade, é importante focalizar em dois expoentes da base das teorias decoloniais, especialmente pensando em teorias decoloniais da América Latina. Walter Mignolo (2017) e Aníbal Quijano (1980) utilizam-se das bases teóricas construídas por autores pós-modernos como Césaire e Fanon, e aprofundam ainda mais as discussões a respeito do projeto colonial que foi instalado na América Latina.

Colonialidade, como definida por Quijano (1980), é entendida como um projeto político, social e econômico europeu, sob a égide da modernidade, para subjugar povos originários de regiões até então não exploradas pelos europeus, em busca de controlar os corpos, terras e produtos destes locais para que o projeto europeu de modernização pudesse ser colocado em prática. Mignolo (2017) define a colonialidade como “o lado obscuro da modernidade”, ou seja, é o que pode proporcionar aos estados europeus a condição para modernização, acumulação de capital e avanços tecnológicos, às custas do genocídio populacional e cultural de diversos povos localizados na América e na África.

Mignolo avança ainda mais na sua tese de colonialidade como lado obscuro da modernidade. Para ele “... não pode haver modernidade sem colonialidade” (MIGNOLO, 2017, p.2), ou seja, o sucesso da Europa como ápice da civilização, da produção de conhecimento e de tecnologia, foi feito sustentado pela exploração do projeto colonial, ao estabelecer uma relação de acumulação de capital a partir da exploração econômica das colônias, além de enfim poder se colocar como civilizado em contrapartida com as civilizações originárias da região da América Latina. Para ilustrar isso, Mignolo afirma: “Assim, ocultadas por trás da retórica da modernidade, práticas econômicas dispensavam

vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis.” (MIGNOLO, 2017, p. 4).

Outro conceito importante a ser trabalhado no estudo é o de matriz colonial de poder. A matriz colonial de poder é um dos conceitos centrais da obra de Quijano (1980), pois aborda como os estados europeus conseguiram manter a submissão dos povos nativos americanos e africanos não só pela violência das vias físicas, mas pelo controle de outros tópicos essenciais para a formação do indivíduo como parte integrante da sociedade. A matriz colonial de poder possui quatro ramos de dominação: controle da autoridade, controle do gênero e da sexualidade, controle do conhecimento e da subjetividade e controle da economia. Segundo Mignolo (2017), esses quatro ramos, chamados de quatro cabeças, são sustentados por dois outros pilares, descritos por ele como:

O que sustenta as quatro “cabeças”, ou âmbitos inter-relacionados de administração e controle (a ordem mundial), são as duas “pernas”, ou seja, o fundamento racial e patriarcal do conhecimento (a enunciação na qual a ordem mundial é legitimada). (MIGNOLO, 2017, p. 5)

Para Quijano, essa matriz colonial de poder (MCP) é o que constituiu as bases do atual padrão de poder mundial, tendo como a América Latina o palco principal de visualização das relações entre os quatro âmbitos citados. É a partir dessa matriz que pode surgir um padrão na produção de conhecimento, a consolidação de um capitalismo mundial de fato, e a ótica eurocêntrica como um todo.

O controle da autoridade condiz com o controle do poder político local, das instituições de poder e das formulações de políticas para esses locais, deixando de lado e desfavorecendo as populações locais. O controle do gênero e da sexualidade é entendido como a inserção do conceito binário de homem/mulher, feminino/masculino nessas populações, estabelecendo uma relação de dominação nesse binarismo, no qual a parte feminina é a mais frágil e não pode ser comparada ao masculino, fazendo com que haja uma separação e impossibilitando uma união dos povos de uma forma geral. (QUIJANO, 1980)

O controle do conhecimento e da subjetividade está intrinsecamente atrelado ao acesso ao conhecimento, tanto culto como àquele que era repassado de forma oral entre as populações originárias. É o estabelecimento de uma língua estranha, latina, a submissão ao cristianismo, a racialização das relações, controlando de forma psicológica e física as

individualidades de cada um. O controle da economia é o controle dos meios de produção, da matriz produtiva, dos bens primários, da agricultura, submetidas à lógica capitalista, e que era controlada pela metrópole, para gerar acumulação de capital para a mesma. (QUIJANO, 1980)

Além disso, focando na produção de conhecimento e na dominação cultural, Quijano elabora a criação de uma dualidade entre o que era Europa e a Não-Europa. Argumenta:

Esse resultado da história do poder colonial teve duas implicações decisivas. A primeira é óbvia: todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas. A segunda é, talvez, menos óbvia, mas não é menos decisiva: sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. Daí em diante não seriam nada mais que raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores. Implicava também sua realocação no novo tempo histórico constituído com a América primeiro e com a Europa depois: desse momento em diante passaram a ser o passado. Em outras palavras, o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva de conhecimento dentro da qual o não-europeu era o passado e desse modo inferior, sempre primitivo. (QUIJANO, 1980, p.127)

Portanto, dialogando com Césaire e Mignolo, Quijano entende que o colonizador desumaniza e descaracteriza o colonizado, tornando sua produção inferior àquela da Europa. A partir disso, é objetivo do colonizado chegar no mesmo padrão daquele que lhe é referência, mas com o controle imposto pela MCP, isso se torna impossível, pois a modernidade supõe a dominação do outro para se colocar como contraste positivo do que é o colonizado.

CAPÍTULO 3 - A COLONIALIDADE DA FEDERAÇÃO SOB A ÓTICA DECOLONIAL

Star Trek é uma obra cinematográfica e televisiva de enorme extensão, cuja influência é sentida até os dias atuais. Sendo considerada uma das precursoras do caminho da ficção científica, a obra é de extrema relevância para entender o avanço do cinema e da televisão, além de compreender como certos aspectos políticos e sociais acabam influenciando a narrativa da história. As referências a serem analisadas neste trabalho foram escolhidas na tentativa de abranger o maior espaço de tempo possível da distribuição da obra analisada. Portanto, serão analisados episódios da série original *Star Trek* (episódio 23 da segunda temporada), *Star Trek New Generation* (episódio 13 da sétima temporada) e da série mais recente do cânone, *Star Trek Discovery* (episódio 08 da primeira temporada e episódios 02 e 06 da segunda temporada).

Primeiro, é importante entender que as séries da franquia *Star Trek* nem sempre tem uma continuidade linear entre elas, ou seja, muitas vezes o episódio seguinte tem pouco ou nada de interconexão com o episódio anterior. A mesma coisa acontece com as séries que abrangem toda a coletânea da obra. Tendo isto em mente, cada episódio escolhido para análise tem uma história diferente, que será apresentada de forma breve, mas todos contêm o mesmo aspecto de mapear um primeiro encontro entre diferentes civilizações. Sendo assim, a apresentação de cada episódio será feita posteriormente, pois primeiramente é necessário esclarecer algumas peculiaridades que abrangem todo o universo de *Star Trek*.

O primeiro episódio a ser analisado é o da série original *Star Trek*, intitulado de “A glória de ômega” (1968). Neste episódio, a equipe da Enterprise se depara com a órbita do planeta Ômega IV, e encontram outra nave da Federação orbitando o planeta, mas que está totalmente vazia, com a tripulação pulverizada. Em um último recado do médico da nave dizimada, ele diz que a tripulação foi infectada com uma doença, e a única cura seria ir até o planeta e ficar sitiado na superfície. Capitão Kirk, Spock e mais dois companheiros descem até a superfície de Ômega IV, e encontram duas civilizações em constante conflito, agora comandada pelo antigo comandante da nave encontrada na órbita do planeta, Capitão Tracey.

Tracey tem fornecidos para os Kohms, uma das civilizações nativas do planeta, armas de fogo, os *feiser*, para que lutem contra os Yang, a outra etnia de Ômega IV, esta sendo caracterizada como rudimentar, sem falas, vestidas como “homens das cavernas”. Essa atitude de Tracey é uma violação direta da Primeira Diretiva da Federação, que alerta para a

não-interferência dos oficiais nos assuntos internos dos planetas que encontram e que não sejam tecnologicamente equivalentes à civilização da Federação. Ao tentar alertar o resto da tripulação da situação que estão presenciando no planeta, Kirk e seus companheiros acabam sendo presos por Tracey e os Kohms. Tracey revela seu plano de explorar a genética dos habitantes do planeta, que não apresentam e nunca apresentaram nenhum sinal de doença ou de envelhecimento, criando uma fonte eterna da juventude a partir do material genético da população. A trama se desenrola a partir deste ponto, e pode-se perceber vários diálogos e situações que demonstram a colonialidade do pensamento da Federação, e guia suas ações.

Em termos da produção da série, já é possível problematizar diversos pontos, como a extrema sexualização das mulheres que aparecem durante o episódio, especialmente a sexualização das mulheres de cor. Além disso, a representação dos Kohms, que mais tarde descobre-se que são os comunistas do planeta, recriando a dinâmica que a Guerra Fria proporcionou na realidade, é extremamente preconceituosa, ao estabelecer estereótipos asiáticos, representando os vietnamitas que lutaram pelo lado comunista. A problematização dessas representações é importante, mas para o presente trabalho será deixada de lado para uma análise mais aprofundada de outras dinâmicas.

É possível perceber uma relação de superioridade dos tripulantes da Federação com a população do planeta visitado desde o início. As tribos que ali habitam tinham já uma relação estabelecida entre eles, e Tracey intervém no conflito em busca de realizar seus interesses próprios, introduzindo armas que aquela população ainda não tinha desenvolvido. Nesse trecho, é possível estabelecer um paralelo com as dinâmicas coloniais entre os europeus e os povos nativos. Estes últimos citados conviviam com diversos outros povos, com alguns conflitos entre tribos rivais. Na esperança de angariar apoio de certas tribos, os europeus forneciam produtos que poderiam auxiliar na guerra que a tribo travava, aproximando-os. Assim, os colonizadores garantiam acesso à terra e aos bens a serem explorados na região.

Dialogando com o que já foi discutido sobre a ética do encontro de Dussel, é possível entender como os tripulantes da Enterprise conseguiram estabelecer essa relação de superioridade. Ao se colocarem como centro do mundo, como bem evidenciado no diálogo final de Kirk com os Yangs, a Federação constrói em torno de si um mito de avanço e modernidade, mascarando as guerras, a exploração e a homogeneização de culturas que produziram a fim de construir um “império” sob moldes democráticos. Ao se colocar como exemplo de ideais de liberdade e de avanço, Kirk ignora o conhecimento que a população Yang produziu de acordo com a interpretação deles do texto sagrado, uma cópia da

Constituição dos EUA, colocando esse conhecimento como subalterno e menor, sem levar em conta como a sociedade deles se constituiu em torno deste pilar.

Figura 1- Kirk discursando sobre a Constituição americana para os Yangs.



Fonte: <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Recap/StarTrekS2E23TheOmegaGlory>

O próximo episódio a ser analisado é da franquia *Star Trek New Generation*, chamado “Rumando para casa” (1994), que começa com a Enterprise atendendo um chamado de socorro do planeta Boraal II, feito pelo irmão do Tenente Wolf, Nikolai Rozhenko, que está locado no planeta como um observador cultural da Federação. Este tipo de figura é muito utilizado pela Federação, pois são utilizados como instrumento de reconhecimento do local, estudando o desenvolvimento da civilização. O planeta está à beira da destruição, e Rozhenko tem a intenção de salvar toda a população de Boraal II, pois acabou criando um laço muito forte com a população local, porém para que a Enterprise possa intervir, é necessário que a população tenha um nível de tecnologia similar ao da Federação, o que não acontece com os boraalanos.

Rozhenko acaba ferindo os princípios da Primeira Diretiva ao se relacionar intimamente com a população local e os protegendo das tempestades radioativas no planeta usando de tecnologia da Federação, impondo o risco de alterar a evolução natural da população. Por conta de suas decisões, há um momento de discussão entre os oficiais da Enterprise sobre a verdadeira intenção por trás da Primeira Diretiva, já que precisa haver uma decisão entre deixar o planeta e sua população para sofrer as consequências do cataclisma, ou

sobre a premissa de que não poderiam ser salvos de uma maneira ou outra, e a tripulação da Enterprise seria recebida como heroína, pois seguiu os passos determinados pela Federação.

Além do paralelo com o conceito de civilização de Césaire, é possível estabelecer uma relação com o embrutecimento do colonizador. A Enterprise, ao seguir à risca suas normas, sem questionamentos ou propostas de flexibilização, impõe a si mesma uma perda moral, pois estabelece ali quem deve ser salvo e quem não pode ser abarcado nesta categoria. O episódio escolhido para análise aqui é apenas um de inúmeros exemplos de como os princípios da Primeira Diretiva foram colocados em prática ao longo dos anos de produção da franquia. Mas, do mesmo jeito que seguem de forma rígida os protocolos de primeiro encontro, também usam de justificativas egoístas para burlar certos regulamentos desta lei, que serão analisados posteriormente

Passando para as mais recentes produções da franquia, em *Star Trek Discovery* é possível ver uma continuidade nas premissas já relatadas. No episódio da primeira temporada chamado de “*Si Vis Pacem. Para Bellum*” (2017), que retrata o conflito moderno entre a Federação e os Klingons, alguns pontos de observação podem ser feitos. A Discovery é uma nave científica experimental, usando um novo tipo de motor para se locomover, chamado de motor de esporos. Esse motor traz a possibilidade de transportar a nave e seus tripulantes por longas distâncias de forma quase instantânea, sobrepondo o poder do motor de dobra, que demoraria vários anos-luz para chegar em determinado local.

A missão da Discovery neste episódio é explorar o planeta Pahvo, que é um planeta aparentemente desabitado, mas que possui uma forma de transmissão eletromagnética que pode ser adaptada para elaboração de um sonar da Federação, que torna possível a detecção de naves invisíveis dos Klingons. Comandante Michael Burnham, Tenente Tyler e Comandante Saru são um dos integrantes da equipe de expedição para o planeta, e acabam descobrindo que Pahvo é, na verdade, habitado por seres sencientes que se comunicam através de ondas sonoras. Seu modo de comunicação é através de um radar que manda mensagem para a galáxia, e eles têm comunicação direta com a flora do planeta também. Ao descobrirem isso, Michael e Saru têm que colocar em prática a Primeira Diretiva, ou seja, regras para estabelecerem o primeiro contato com essa população. Ao fazer isso, devem convencer esses seres a disponibilizar os recursos que são necessários para construção do sonar de forma consensual.

Figura 3- A tripulação da Discovery faz primeiro contato com a civilização de Pahvo



Fonte: <https://jokersshorts.com/star-trek-discovery-episode-8-si-vis-pacem-para-bellum-c0414e027edc>

A primeira implicação de considerarem o planeta desabitado por não possuir formas de vida adequadas aos seus modelos de seres vivos já traz uma problemática forte, relacionada com o exposto por Césaire (1978), do que é considerado civilizado e do que não é. Apesar de possuírem uma forma própria de organização social, comunicação e estilos de vida, os tripulantes da Discovery não pensam duas vezes antes de explorar o planeta pois tais elementos dos pahvanos não foram considerados fonte de vida pelos padrões da tecnologia da Federação. Mais um vez, a franquia expõe o dilema colonial da barbárie/modernidade, em que a Federação de Planetas se coloca como ápice do conhecimento, a protetora natural da galáxia, e a modernidade deles é definida em razão do Outro, pois sem título de comparação, como se portar como modernos para outras civilizações?

Passando para a outra problemática do episódio, Michael aponta que, como existe uma forma de vida no planeta, eles não podem simplesmente usarem da tecnologia deles sem sua permissão. Portanto, em uma fala sua, concluí que devem convencer os pahvanos de entregarem seus recursos para que possam ajudar na guerra contra os klingons. Neste ponto, é possível estabelecer um diálogo muito forte com os pressupostos de Mignolo (2017) e Quijano (1980).

Ao definir a colonialidade como a busca por controle dos corpos e dos recursos de locais até então não explorados, Quijano dialoga com a dinâmica exposta por Michael, de que é necessário convencer a população a se unir aos esforços de uma guerra que não lhe compete. Até a chegada da Discovery no planeta, a população ali viviam em perfeita harmonia, e então se veem manipulados de tal forma que acreditam que devem participar dos esforços da

Federação e fornecer seus recursos mais preciosos para que eles possam lidar com a guerra. Aqui pode ser feito um paralelo com a tese de modernidade de Mignolo, que pressupõe que para existir a modernidade, tem que haver a colonialidade, ou seja, para que a Federação possa ter um impulso tecnológico, os pahvanos devem abdicar de uma posse tecnológica essencial para sua cultura e sua sobrevivência, para que sustente a modernização da Discovery.

Outro episódio capaz de ilustrar a relação descrita neste trabalho é “*Novo Éden*” (2019). Neste episódio, a tripulação da Discovery segue pistas de padrões de energia aparentemente aleatórios na galáxia, que são anúncios para um evento cataclísmico. Ao seguir um destes padrões, a Discovery acaba em um planeta habitado por humanos originários da Terra, que foram salvos por uma figura angelical durante a Terceira Guerra Mundial, e levados para este planeta, que fica há anos-luz de distância. Como são uma população sem tecnologia de dobra, que é a tecnologia operante da Federação, os contatos com essa população devem ser geridos pela Primeira Diretiva, sem revelar a verdadeira identidade dos tripulantes e agindo de modo a não alterar o desenvolvimento natural da comunidade.

O debate fica acirrado entre Capitão Pike e Oficial Burnham por conta de suas discordâncias a respeito de como devem agir diante desta população, que é da Terra, mas que é proveniente de um contexto de tecnologia menos avançada. Por fim decidem seguir com a Primeira Diretiva ao entrar em contato com a população. Ao chegar à superfície do planeta, encontram uma civilização que é pautada na religiosidade, pois explicam sua chegada à Terralísio a partir de uma perspectiva divina. Ali, houve uma junção de todas as crenças em uma única, para garantir harmonia e respeito entre os habitantes.

Figura 4- Os tripulantes da Discovery se encontram com a população de Novo Éden



Fonte: <https://trekmovie.com/2019/01/25/review-star-trek-discovery-explores-divine-intervention-in-new-eden/>

As bases da Primeira Diretiva são ligeiramente abaladas neste episódio, pois o conflito entre a população de Terralísio ser humana, mas ao mesmo tempo ser tecnologicamente defasada é forte na população da Discovery; a proximidade e o reconhecimento são um freio para ações que seriam anteriormente claras para os tripulantes. Porém é indiscutível que, mesmo que haja uma relação de semelhança ali, também há colonialidade no trato com os habitantes de Novo Éden. Por serem uma população carente de recursos tecnológicos e que fugiram de forma “milagrosa” dos desastres da Terceira Guerra Mundial na Terra, a civilização ali constrói suas crenças baseadas nos princípios da religiosidade, harmonizando em uma só fé pontos essenciais de doutrinas da Terra, como Cristianismo, Judaísmo, Islamismo, Budismo, Wicca e diversas outras religiões que tiveram contato anteriormente. No primeiro encontro, Pike e Burnham comentam com grau de superioridade como a população é ligada na religiosidade em vez de acreditar na ciência, e durante toda a permanência na superfície do planeta, questionam essas crenças em prol da ciência, sob a premissa de que devem investigar a aparição do Anjo Vermelho, uma figura que aparece junto com as aparições de energia aleatórias em toda a galáxia.

Dialogando com os propostos do pós-modernos apresentados neste trabalho, essa relação é um claro exemplo da dualidade modernidade/colonialidade; para a Federação se portar como superior, avançada e exemplo de civilização, deve haver uma outra que seja inferior, ultrapassada. Ao questionar o tempo todo os pressupostos da organização da sociedade de Terralísio, os tripulantes da Discovery estão deixando claro que consideram suas

crenças inferiores e limitantes, que devem se abrir para explicações melhores, científicas (aquelas que a Federação segue). É uma tentativa de controle da subjetividade local, de introduzir métodos de manipulação de forma que o conhecimento produzido dali para frente seja pautado em premissas que eles concordem.

Figura 5- Representação do Anjo Vermelho de forma religiosa



Fonte: <https://trekmovie.com/2019/01/25/review-star-trek-discovery-explores-divine-intervention-in-new-eden/>

O episódio da mesma temporada, “*The Sound of the Thunder*” (2019), é mais um exemplo da relação que este trabalho busca esclarecer. Comandante Saru acaba de passar por um processo que nunca ninguém da sua espécie, os kelpianos, passou, que é a perda de um gânglio anatômico que fica na base de seu crânio e produz reações químicas e hormonais de medo, ainda mais exacerbadas na presença de risco de morte. Neste cenário, os tripulantes da Discovery recebem mais um sinal de uma forte fonte de energia que vem perseguindo, e esse novo fenômeno é reproduzido, desta vez, no planeta natal de Saru, Kaminar. Lá, os kelpianos vivem em uma situação de subalternidade em relação à outra espécie nativa do planeta, os ba’uls. No planeta, é costume que, quando esteja perto da hora da sua morte, os kelpianos passem por um processo de perda do gânglio do medo (Vahar’ai), assim como Saru passou, mas nenhum kelpiano sobreviveu à esse processo, pois eles eram sacrificados no início deste processo, e, portanto, nenhum dos kelpianos tinham noção do efeito deste ritual na fisionomia, química e hormônios de um kelpiano.

A missão os leva a Kaminar, cuja população de ba’uls já possui a tecnologia de dobra, portanto o modo como se apresentam para a população e se comunicam é diferente daquela que é feita em civilizações pré-dobra. Saru e Burnham vão até a superfície do planeta investigar sobre a aparição do “Anjo Vermelho”, as aparições de energia aparentemente aleatórias por toda a galáxia. Os kelpianos são uma sociedade com tecnologia pré-dobra, apesar dos ba’uls terem tecnologia de dobra, e é necessário um cuidado maior na

aproximação, seguindo parcialmente a Primeira Diretiva, de modo a tornar o contato facilitado.

Figura 6- O primeiro encontro entre Saru, Michael e Siranna, pastora kelpiana e irmã de Saru



Fonte: <https://www.planocritico.com/critica-star-trek-discovery-2x06-the-sound-of-thunder/>

Neste episódio, a relação entre colonialidade/modernidade fica mais perceptível quando se entende que a Primeira Diretiva é usada de acordo com a vontade da Federação. No cenário articulado, os kelpianos não poderiam ter contato direto com a tecnologia da Discovery, já que são uma civilização pré-dobra. Porém as regras são burladas por conta da proximidade de Saru com seu povo de origem. Saru, que usou da tecnologia dos ba'uls para se comunicar com alguém fora de seu mundo, foi “resgatado” por uma comandante da Federação, e então começa sua jornada dentro desta nova sociedade. Para se encaixar ali, deve deixar de seguir várias de suas crenças ancestrais para se adaptar à modernidade e à ciência da Federação, se transformando no maior defensor das regulações que regem a Frota Estelar.

Ao se depararem com a sociedade dos kelpianos em uma eterna luta com os ba'uls, os membros da Discovery decidem intervir de forma apaixonada nos assuntos internos deste planeta, chegando a ameaçar os ba'uls com as armas da Federação. Nisto, é possível enxergar a visualização de uma superioridade entre civilizações, e por se considerar superior, moderna e justa, a Federação deve defender as populações contra a opressão de outros. Tal fato pode ter uma relação forte com o “fardo do homem branco”, que acredita que atingiu o ápice da evolução e deve levá-la para outros locais. Comparando com o episódio anteriormente apresentado, em que os boraalanos enfrentam uma ameaça real de extinção, pode-se ver o julgamento de “dois pesos, duas medidas”, em que uma mesma situação é julgada de maneira diferente de acordo com as necessidades da Federação.

Figura 7- Os kelpianos começam a passar pelo Vahar'ai, iniciado pela intervenção da Discovery



Fonte:

<https://trekmovie.com/2019/02/22/interview-star-trek-discovery-writers-bo-yeon-kim-and-erika-lippoldt-go-inside-the-sound-of-thunder/>

A Discovery precisava estudar e ter acesso à informações sobre o Anjo Vermelho, presenciado pelos kelpianos, e por isso decide intervir, para garantir que sua fonte de informações não fosse proibida de falar com eles. Para isso, fazem suas intervenções, acelerando o processo do Vahar'ai em toda a população kelpiana, sem a aprovação destes últimos. Um processo doloroso e íntimo, sagrado para esta civilização, começa sem a permissão deles, de forma que atendesse às intenções da Federação. É mais um exemplo de como a modernidade da Federação é sustentada pela colonização da subjetividade e do conhecimento de outras populações.

Figura 8- A sociedade dos kelpianos após o Vahar'ai



Fonte:

<https://trekmovie.com/2019/02/22/interview-star-trek-discovery-writers-bo-yeon-kim-and-erika-lippoldt-go-inside-the-sound-of-thunder/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi conduzido com o intuito de demonstrar a importância dos instrumentos estéticos para aplicação e entendimento de diversas áreas de conhecimento, inclusive no campo de Relações Internacionais. Com o uso cada vez mais recorrente das mídias e da cultura pop nas diversas áreas acadêmicas, é possível perceber que essas manifestações culturais são, de fato, manifestações da realidade, pois, como argumenta Bleiker (2009), as representações são embebidas de política, já que nada é representado de forma isenta das interpretações de cada autor.

Para poder apresentar este fato no presente trabalho, alguns episódios da franquia de *Star Trek* foram utilizados para representar algumas dinâmicas discutidas pelas teorias de Relações Internacionais, em especial as teorias críticas do campo, como a decolonial e moderna. A partir da análise desses episódios, é possível concluir que este instrumento estético de fato reforça dinâmicas ocidentais presentes no encontro com o Outro, tais dinâmicas ecoando àquelas que ocorreram durante a colonização da América Latina. De fato, como foi trabalhado, a dinâmica de minimização das diferenças, homogeneização de culturas e o genocídio cultural e étnico são discutidos nos episódios selecionados, mesmo que de forma implícita, reproduzindo dinâmicas políticas que permeiam a realidade.

Para que essa conclusão fosse feita, foi preciso apresentar os aportes teóricos que justificam este estudo e o endossam, tornando possível os paralelos feitos durante o trabalho. No primeiro capítulo foi apresentado a importância da virada estética para o estudo das RI, demonstrando que o uso dos instrumentos estéticos não é novidade na área, apesar de ser pouco utilizado, e mostra a importância de se difundir seu uso para o estudo da área, já que estes instrumentos lúdicos são fundamentais para a elucidação de conceitos complexos que, no modelo tradicional, seriam mais difíceis de ser extraídos. Além disso, neste capítulo já começa a ser modelado a forma como *Star Trek* e as argumentações de Dussel, Césaire, Mignolo e Quijano podem ser entrelaçadas, de modo a expor as práticas colonizatórias da Federação Unida dos Planetas.

No capítulo seguinte, tais argumentações são apresentadas, de modo a elucidar ao leitor quais perspectivas serão levadas em conta para a análise posterior dos episódios da franquia. Assim, é possível notar que as dinâmicas descritas pelos autores, que se iniciaram no período da colonização da América Latina, ecoam até hoje na sociedade, mesmo que de forma implícita. A categorização fenotípica e regional das populações, descritas por Quijano, ainda

são usadas como forma de dominação, baseadas no gênero, raça e classe social. Outra forma de dominação descrita pelo autor é o controle do conhecimento e das subjetividades de determinadas populações, buscando minimizar as diferenças e diminuir a importância de uma determinada cultura. Tais instrumentos de dominação são utilizados naquelas sociedades consideradas bárbaras, em oposição à noção de civilização dos povos ocidentalizados, denunciada pelos pressupostos teóricos de Césaire.

Portanto, a utilização de instrumentos de cultura pop para o entendimento de como esses pressupostos ainda ecoam na realidade se mostram de extrema importância, pois denunciam padrões de comportamento condenáveis e que são disseminados de forma implícita através dos instrumentos estéticos de consumo em massa. Novas pesquisas acerca da importância do entendimento dos discursos dos instrumentos estéticos para a formalização de políticas de diferenciação e de manutenção de uma perspectiva ocidentalizada das Relações Internacionais são essenciais para a atualização dos temas da política internacional, porém não puderam ser estendidos nesta pesquisa pela necessidade de um recorte maior do que foi apresentado neste trabalho. O recorte feito neste trabalho pode se expandir para entender qual é o efeito destes discursos na sociedade atual e como contribuem para a manutenção do status quo das potências ocidentais em relação aos países emergentes do Sul global, demonstrando a importância da manutenção e expansão da justificativa estética na área de Relações Internacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Glória de Ômega. *In:* STAR Trek. Direção de Vincent McEveety. Produção de Gene Roddenberry. Estados Unidos: NBC, 1968. (50 min.), son., color. Temporada 2, episódio 23. Legendado.

BLEIKER, Roland. **The Aesthetic Turn in International Political Theory.** Millennium: Journal of International Studies, v. 30, n. 3, p. 509-533, dez. 2001. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/03058298010300031001>

BLEIKER, Roland. **The Aesthetic Turn in International Relations.** In: BLEIKER, Roland. Aesthetics and World Politics. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009. p. 18-47

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo.** Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

DUSSEL, Enrique. **1492 O Encobrimento do Outro: A Origem do "Mito da Modernidade".** Petrópolis: Vozes, 1993.

ENGERT, Stefan; SPENCER, Alexander. **International Relations at the Movies: Teaching and Learning about International Politics through Film.** Perspectives, Detroit, v. 17, n. 1, 2009, p.83-104

MAIA, Bruna Soraia Ribeiro; MELO, Vico Denis Sousa de. **A colonialidade do poder e suas subjetividades.** Teoria e Cultura, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 231-242, 5 nov. 2020.

MAIA, F. J. F.; FARIAS, M. H. V. DE. **Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América.** Interações (Campo Grande), v. 21, n. 3, p. 577-596, 16 set. 2020.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017.

NEUMANN, Iver B. **“To know him was to love him. Not to know him was to love him from afar”: Diplomacy in Star Trek.** In: WELDES, Jutta. To Seek Out New Worlds: Science Fiction and World Politics. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003. p. 53-75.

NOVO Éden. *In:* STAR Trek Discovery. Direção de Jonathan Frakes. Produção de Gene Roddenberry. Estados Unidos: CBS, 2019. (43 min.), son., color. Temporada 2, episódio 2 Legendado.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** In: Colonialismo; Modernidad; Capitalismo; Poder Político; Sociedad; Historia; Eurocentrismo; America Latina;. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142.

RUMANDO para casa. *In:* STAR Trek New Generation. Direção de Alexander Singer. Produção de Gene Roddenberry. Estados Unidos: Paramount Television, 1994. (45 min.), son., color. Temporada 7, episódio 13. Legendado.

SI Vis Pacem, Para Bellum. *In:* STAR Trek Discovery. Direção de John Scott. Produção de Gene Roddenberry. Estados Unidos: Roddenberry Entertainment, 2017. (42 min.), son., color. Temporada 1, episódio 8. Legendado.

STADLER, Thiago David; KRACHENSKI, Naiara. **História, colonialismo, epistemologia: Aimé Césaire, Frantz Fanon e o pensamento decolonial.** Revista Estudos Libertários, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 36-48, jun. 2019.

STOREY, John. **What is popular culture?** *In:* STOREY, John. Cultural Theory and Popular Culture: An Introduction. 5. ed. Londres: Pearson Longman, 2009, p. 1-15.

THE Sound of Thunder. *In:* STAR Trek Discovery. Direção de Douglas Aarniokoski. Produção de Gene Roddenberry. Estados Unidos: Cbs, 2019. (56 min.), son., color. Temporada 2, episódio 6. Legendado.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a Questão do Outro.** 4. ed. São Paulo: Editora WMF, 2014.

WELDES, Jutta. **“Going Cultural: Star Trek, State Action, and Popular Culture.”** Millennium, vol. 28, no. 1, Mar. 1999, pp. 117–134, Disponível em: doi:10.1177/03058298990280011201.

WELDES, Jutta. **Popular Culture, Science Fiction and World Politics: Exploring Intertextual Relations.** *In:* WELDES, Jutta (Ed.). To Seek Out New Worlds: Science Fiction and World Politics. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003, p. 1-27.